

Folha Informativa 2

NOTA DE ABERTURA

A realidade social que vivemos será, não o negamos, de refluxo. A desmotivação – para que sem dúvida contribui o medo – acantona os profissionais nas suas rotinas, afastando-os das práticas cidadãs que conduzem à sua emancipação. Os chamados “corredores de liberdade” vêem-se estreitar sob o peso da centralidade e do autoritarismo que marca e caracteriza as várias instituições de pertença.

Objectivamente desfavoráveis – e debatendo-se em acréscimo com uma falta crítica de recursos financeiros – estas condições não têm, no entanto, impedido o ICE de dar corpo e vida a diversas dinâmicas como bem o mostram as várias experiências que se descrevem e relatam nesta Folha Informativa.

Adaptando as suas estratégias ao momento actual – o que pressupôs nomeadamente diversificar as propostas de trabalho tendo em conta os diferentes níveis de disponibilidade e combatividade das pessoas – conseguiu o ICE prosseguir a sua intervenção em meio rural, nas zonas periféricas das cidades, no domínio do ambiente e da deficiência, no apoio às minorias étnicas e na formação/acção dos professores... Reforçaram-se iniciativas em curso, deu-se início a novos projectos de desenvolvimento e como definiu o Plano de Acção, aprovado pela Assembleia Geral realizada em Dezembro de 2007, prosseguiu-se procurando contribuir para a estruturação e afirmação de uma corrente de opinião e de acção, em defesa de um desenvolvimento alternativo e de emancipação cidadã.

Numa síntese, diríamos, parafraseando Mia Couto, que toda a aposta do ICE continua sendo “fazer nascer um mundo em que um homem, só de viver, é respeitado”.

Rui d’Espiney

UMA FORMA SIMPLES (E GRATUITA) DE AJUDAR MATERIALMENTE O ICE

É na adesão das pessoas às dinâmicas que se vêm animando que o ICE investe privilegiadamente... E a verdade é que só o nível de adesão que se conseguiu explica que tanto venha sendo feito e esteja a ser feito apesar dos limitadíssimos recursos humanos de que dispomos. É no trabalho voluntário, no empenhamento dos que se apropriam das nossas propostas que está, de facto, o segredo da energia e sustentabilidade da grande maioria das iniciativas que acompanhamos.

Tal não significa que o ICE não precise de apoio. As várias iniciativas que anima tornam imperativos a existência e o funcionamento de um dispositivo que, por muito reduzido que seja, representa um custo que as quotas (quase simbólicas) dos sócios e um ou outro donativo obtido não vêm conseguindo cobrir.

“Torcer” para o que o ICE prossiga sendo o tecelão das dinâmicas em curso e o polarizador da actividade em que acreditamos, passa de facto por contribuir para a sua viabilidade material – o que no momento actual se acha claramente em perigo.

Nos tempos que correm, com as dificuldades que a maioria das pessoas enfrenta para sobreviver com o seu pequeno orçamento familiar, não se pode nem é justo contar com a bolsa dos que nos apoiam. Mas há uma forma de o fazer sem que tal represente um qualquer sacrifício pessoal.

Concretamente, basta que na declaração de impostos se declare, no Anexo H – que se destina precisamente a contemplar situações de benefícios fiscais e deduções como por exemplo as de saúde – desejar-se afectar ao ICE, 0,5% da massa tributada.

Assim o prevê a lei que estendeu às instituições laicas com estatuto de utilidade pública – que é o nosso caso – uma prerrogativa inicialmente prevista apenas para as instituições de cariz religioso.

Só têm que escrever no item 9 do referido anexo o nome do ICE – Instituto das Comunidades Educativas, com a indicação do seu número de contribuinte que é o 502827564.

Contamos consigo e, como diz a canção de Zeca Afonso, “traz um amigo também”!

A Comissão Directiva do ICE

EM BUSCA DE NOVAS RURALIDADES

Votado ao abandono, descapitalizado, excluído do desenvolvimento que vem formatando o país, o mundo rural não se confronta só com o não futuro – com a privação de futuro de que fala Amin Maalouf. Confronta-se, também, com o não presente, com a desestruturação que o atinge, a crise de auto-estima que o marca, a quase anomia que o caracteriza.

Face a esta realidade e solidário com a sorte dos suas gentes, o ICE não defende, no entanto, a mera resistência – uma resistência que mais não seria do que um combate necessariamente desigual feito a partir de um passado em perda.

O que se propõe e defende é uma abordagem pró-activa organizada por um projecto de desenvolvimento alternativo, isto é, estruturado a partir de novas premissas, de um alter (de um outro presente), apoiado no património social e cultural existente, mas orientado por novas funcionalidades e por uma ressocialização dos actores em presença – numa síntese, perspectivado por aquilo que designamos por novas ruralidades.

Dela são exemplo, as iniciativas que a seguir se relatam.

CRIAÇÃO DE UM ROTEIRO DE ARTESÃOS EM NISA

No concelho de Nisa encontramos formas significativas de manifestação de cultura popular como é o caso do artesanato. No entanto, presentemente assiste-se a dificuldades que se prendem com o envelhecimento dos artesãos, correndo-se o risco de se per-der este “saber-fazer” tradicional, pois os mais novos já não fazem deste tipo de arte o seu modo de vida.

Após algumas reuniões entre professores e entre estes e algumas instituições locais, através dos seus técnicos, como foram o caso da Câmara Municipal de Nisa e da Associação Juvenil INIJOVEM, num trabalho permanentemente acompanhado pela Escola Superior de Educação de Portalegre e pelo Instituto das Comunidades Educativas, reconheceu-se a necessidade de dar visibilidade e valor à actividade artesanal através da implicação dos mais novos, na possibilidade de contactarem com as peças de artesanato, de as manusearem, de poderem fruir, apreciar e trabalhar sobre elas.

À escola coube um papel central a três níveis: na abordagem curricular, na animação e desenvolvimento local e na promoção de parcerias locais através do envolvimento de diferentes instituições.

Os dois anos de trabalho em torno deste projecto traduziram-se em contributos como melhor relacionamento entre a escola, as famílias e a comunidade, a valorização e fortalecimento da identidade cultural, a perspectiva de valorização da intervenção de actores sociais geralmente mais afastados do desenvolvimento local, nomeadamente as crianças e os idosos, a potenciação educativa do trabalho intergeracional, a valorização de recursos endógenos locais, pela revalorização do património cultural local. Estes contributos consubstanciam-se em quatro eixos principais: as relações em parceria; a criação e desenvolvimento de espaços e momentos curriculares de rentabilização pedagógica dos saberes e cultura da comunidade; a valorização das produções das crianças; a revalorização e qualificação do Mundo Rural.

Amândio Valente

COVAS DO MONTE – A CAMINHO DE UMA ECO ALDEIA

O desenvolvimento social duma comunidade é um trabalho longo e requer muito envolvimento e implicação de todos.

Em Covas do Monte não foi diferente. No início de 2006 começámos ali um trabalho como parceiros do projecto Criar Raízes promovido pela Câmara de S. Pedro do Sul - de que o ICE é parceiro, - e o que nos foi dado observar era uma comunidade, mais que etária, psicologicamente envelhecida. À sua situação geográfica tinha vindo juntar-se o esquecimento político.

Nos primeiros contactos fomos deixando claro que não trazíamos soluções mas queríamos participar na construção de possibilidades. Não foi fácil, até porque as pessoas estavam culturalmente habituadas a pedir e o que nos mostravam eram deficits.

As longas horas de escuta que a conversa sempre proporciona tornaram-nos próximos e assim fomos percebendo dos gostos e das expectativas das pessoas.

Na posse destes dados estávamos na altura de começar a participar propondo actividades.

Por outro lado sabendo o quanto era importante quebrar isolamentos, criando novos relacionamentos, recorremos às nossas redes de contactos e envolvemo-las no processo. Desta forma foi possível reconstruir colectivamente o lugar e muros em pedra; realizar uma vindima tradicional; provar o vinho e matar o porco; realizar percursos de acompanhamento do pastoreio das cabras; projectar filmes ao ar livre; realizar documentários cinematográficos sobre a vida na aldeia; fazer sessões de contos tradicionais à lareira; participar nos trabalhos agrícolas.

A estas actividades juntaram-se outras mais formais como seja a realização de um curso que permitiu o acesso ao 6º ano de um grupo de 9 pessoas e a construção de um espaço Internet na aldeia.

As actividades colectivas e os contactos pessoais que elas foram proporcionando têm ajudado a construir novas percepções do futuro. Assim, dos desânimos e lamentos surge esperança e utopia, da resignação nascem propostas de novas realizações. As pessoas começaram a criar redes de contactos com o exterior e começam a ser proponentes de novas actividades.

Ainda nada está definitivamente ganho, mas tudo começa a ser mais fácil.

Vítor Andrade

PALMELA, UMA NOVA DINÂMICA PARA AS FREGUESIAS RURAIS DO POCEIRÃO E DA MARATECA

Tendo em vista combater o fechamento das comunidades locais sobre si próprias nas freguesias rurais do Poceirão e da Marateca e levar essas comunidades a dar corpo a projectos que as emancipem e a fazer emergir os genes de identidade que abrigam, planeia a Casa Rural do Poceirão e Marateca, o lançamento de um projecto de animação local enformado pela organização de projectos da aldeia em que se impliquem, trabalhando em rede, os vários actores locais.

Para o viabilizar investe presentemente a Casa Rural na organização de um curso de animadores concebido de forma a fazer dos formandos que o frequentam mediadores do desenvolvimento local. Estes formandos-animadores surgem, assim, como alternativa estratégica a um trabalho de promoção comunitária desenvolvido no passado pelos professores e face ao facto destes – submergidos pelas políticas que se abatem nas escolas

– se terem fechado no seu espaço escolar, mostrando-se hoje indisponíveis para um envolvimento em dinâmicas como as que percorreram, até há bem pouco, as duas freguesias.

Através desses animadores e dos “seus” projectos de aldeia – onde de alguma forma, mesmo sem professores, se espera continuar a implicar as crianças, - pretende-se, naturalmente, sensibilizar e mobilizar os vários serviços de proximidade existentes nas duas freguesias, a começar pelas próprias escolas.

Não duvidamos que o Pólo logístico que está em vias de surgir no Poceirão, e em que a autarquia investe, contribuirá para trazer algum desenvolvimento económico à freguesia. Não duvidamos, também, que a opção de construir o aeroporto na Margem Sul, se reflectirá, de uma forma ou de outra, na vida das freguesias como em todo o concelho. Mas a situação de anomia, de fechamento em que se acham as comunidades rurais locais só se alterará, de facto, pela estruturação de uma malha de projectos de aldeia construídos a partir das energias, hoje adormecidas, que se abrigam no seu seio.

Chamado a este processo como parceiro e conceptualizador do curso, o ICE assume o seu acompanhamento metodológico.

Rui d’Espiney

MUSEU DA VINHA, DO VINHO E DA CULTURA DA REGIÃO DEMARCADA DE COLARES

Deu-se início à implementação do Projecto do Museu da Vinha, do Vinho e da Cultura da Região demarcada de Colares como Museu Itinerante nas instalações do Centro Educativo, Desportivo, Cultural e Recreativo das Azenhas do Mar – CEDCRAM, de Abril a Julho de 2007, seguindo-se o funcionamento do Museu na Adega Viúva Gomes, em Almoçageme, desde o dia 19 de Janeiro de 2008, congregando-se uma rede de parceiros institucionais, e muitas pessoas: adultos, crianças, jovens e idosos, todos com um objectivo comum: participar com os seus saberes, cada um com a sua especificidade, cada um com o seu contributo e entrega incondicional num projecto comunitário que é o do Museu da Vinha, do Vinho e da Cultura da Região Demarcada de Colares.

Museu – Processo

O Museu da Vinha, do Vinho e da Cultura da Região Demarcada de Colares, materializou-se, assim, através do Museu Itinerante num Museu - processo que expressa a vontade colectiva de salvar a memória local e que permite antever o que poderá vir a ser um Museu - produto, enquanto espaço não só de recolha de um imenso acervo patrimonial existente e a reunir sobre a actividade como de polarização de dinâmicas culturais, estimulando a participação da comunidade local.

Participação Social

Na sequencia das conversas tidas no dia 16 de Junho de 2007, no primeiro ciclo de conversas e sabores, realizado nas Azenhas do Mar, no CEDCRAM, primeiro local de funcionamento do Museu da Vinha, do Vinho e

da Cultura da Região Demarcada de Colares, ficou o desafio de se reviver o Arrobe doce regional de Colares. Em Outubro de 2007, após as vindimas, com a oferta de 20 litros de Mosto, pela Adega Regional de Colares, algumas crianças da EB1 de Almoçageme, do Centro Paroquial de Colares e da Extensão de Almoçageme, tiveram oportunidade, em conjunto com alguns associados da Associação de Pensionistas, Reformados e Idosos de Almoçageme – APRIA, de realizar uma actividade que há muito permanecia apenas na memória dos mais velhos: FAZER ARROBE. Na reabertura do Museu, no dia 19 de Janeiro de 2008, na Adega Viúva Gomes, em Almoçageme, todos provamos o Arrobe e ficámos a conhecer o Logótipo vencedor do Concurso realizado com as crianças do Agrupamento Vertical de Escolas de Colares no âmbito do primeiro Logótipo do Museu!

A riqueza do trabalho das crianças

O Projecto do Museu da Vinha, do Vinho e da Cultura da Região Demarcada de Colares surgiu no âmbito do projecto Escolas Rurais, promovido pelo ICE e que veio a ser dinamizado pelo Projecto TEIAS e que se orientou por de uma dinâmica de animação das comunidades rurais induzida e promovida pelas crianças e pelas escolas na Região de Sintra Litoral. Sarmento (2006) refere-se à necessidade de tornar efectiva a cidadania da infância, assumindo uma visão da criança como actor social, o que implica o reconhecimento da sua capacidade de influenciar a vida colectiva, o que se tem constatado através do Museu, que surge como um pólo de desenvolvimento educativo cultural, resultado de relações intra e intergeracionais onde os actores sociais desenvolvem processos de identificação e de individualização, utilizando os conhecimentos partilhados, e desenvolvendo uma sinergia entre as crianças e os habitantes locais.

Ana Cristina Oliveira

CARVALHAL DE VERMILHAS – UM ESPAÇO E UM PRO-CESSO COMUNITÁRIO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

A Escola Comunitária na freguesia rural de Carvalhal de Vermilhas, Vouzela, por nós denominada Escola Aberta, é um projecto desenvolvido no âmbito do programa EQUAL no qual participam o ICE, a ADRL e a ACERT e que tem vindo a fazer o seu percurso de implantação no local. O seu sucesso rapidamente ultrapassou, no entanto, as fronteiras desta pequena comunidade sendo observada com expectativas por outras comunidades no país como é o caso de Deão, Viana do Castelo, onde, no decorrer da Acção 3 da EQUAL se implementará, em parceria com a AJD, uma nova Escola Comunitária.

Este é um equipamento em que com poucos recursos se consegue fazer muito numa pequena comunidade.

A Escola Comunitária assenta numa relação de proximidade que permite pôr em interacção os diferentes grupos etários que hoje em dia são organizados por um conjunto de serviços especializados. O seu modo de funcionamento permite que nesse grupo heterogéneo uns sejam recurso de outros e que passem de modo informal, um conjunto de saberes e valores que caracterizam o local e que de outro modo se perdem. Em suma a Escola Aberta funciona como um espaço de aprendizagem colectiva proporcionada pela participação de cada um.

Como diziam ao Jornal do Fundão um jovem de 10 anos “A Escola Aberta é um espaço para todos, onde podemos realizar diversas actividades. Realizamos “Orientação” através deste projecto. Fazemos muitos momentos de convívio e interacção com a comunidade. Gosto muito de vir ao espaço da Escola Aberta” e uma mulher de 37 anos “Este projecto é bastante importante na medida em que permite um maior envolvimento, conhecimento e convívio entre as pessoas, é uma espécie de “lufada de ar fresco”, permite descontraír, fugir à rotina do dia a dia”.

Vítor Andrade

UMA ABORDAGEM ALTERNATIVA EM MEIO PERIFÉRICO URBANO

A diversidade que caracteriza o trabalho em meio urbano experienciado pelo ICE e que os exemplos a seguir relatados bem ilustram, inscreve-se num pensamento que é transversal a todos eles e que tem por princípios orientadores:

- A tónica posta na centralidade do periférico, na inversão da relação de poder que este mantém com o chamado centro;
- A perspectiva emancipadora, não domesticadora, que pauta o acompanhamento das comunidades periferizadas;
- A dimensão ecoformativa, por analogia com os processos de recriação ecológica, das dinâmicas vividas;
- A aposta num trabalho colaborativo em rede, definido a partir da acção e não do mandato dos interesses, específicos e próprios dos actores colectivos que se implicam;
- O relevo dado à informalidade enquanto base de relacionamento entre os diversos intervenientes e condição de produção de soluções democráticas.

Dito de outra forma, o que está de facto e com frequência em causa não é a inadaptação do periférico mas a inadequação dos sistemas que o procuram incluir e absorver.

UM NOVO FUTURO PARA UM BAIRRO DA AMADORA

Situado no concelho da Amadora o bairro de Santa Filomena é palco de uma realidade em que a comunidade, predominantemente cabo-verdiana, de jovens e crianças se encontra em situação de exclusão, marginalidade e risco e a comunidade de adultos, em particular pais, registam um deficit de competências e de disponibilidade para acompanhar o dia-a-dia dessas crianças e desses jovens.

Deficitário também é o apoio de que vem beneficiando e poucas são as dinâmicas a que se vem dando vida, passíveis de mitigar a exclusão que a caracteriza. Os financiamentos no concelho orientados para a intervenção social, esses, parecem privilegiar a cidade.

Foi com o Programa Crianças e Jovens em Risco promovido e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian que o ICE (Instituto das Comunidades Educativas) viu uma oportunidade de propor a animação de um projecto – o Projecto LAÇO – a uma parceria capaz de dar resposta a esta realidade.

Com efeito, realizou-se já a primeira reunião da parceria, constituída pela Associação Encontros, a Associação Espaço Jovem, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens da Amadora, a Escola Superior de Enfermagem de Lisboa e o ICE. O projecto está, neste momento, a dar os seus primeiros passos, de alargamento da parceria e de organização de um conjunto de actividades – de recriação do património cultural da comunidade, ateliers de crianças, saídas do bairro, encontros de pais e conversas com figuras do local, etc. etc. - rumo a uma realidade mais inclusiva e integrada do bairro e a uma efectiva emancipação de crianças, jovens e adultos.

Ana d’Espiney

PROJECTO INTEGRADO DA BELA VISTA

Os meios de comunicação fizeram eco: a polícia reforçou-se em Setúbal e numa explícita estratégia de intimidação/ dissuasão, passou a estar mais presente e visível em alguns bairros considerados problemáticos da cidade.

Entre estes acha-se, claro está, a Bela Vista que aparece, aliás, como pano de fundo, na reportagem que sobre o assunto é feito por um dos canais televisivos.

Em contraponto com esta imagem – que evoca a insegurança, a tensão social, a ameaça – técnicos de diversas instituições presentes na Bela Vista trabalham com crianças, jovens e a população em geral, numa clima de saudável entendimento, promovendo eventos – como tem sido o Dia da Criança, a Quermesse de Natal ou, até ao ano passado, o Corso de Carnaval –, tecendo laços de cooperação e proporcionando momentos de reflexão participada, orientados para a resolução de problemas do bairro.

A intervenção destes técnicos, faz-se por mediação do Projecto Integrado da Bela Vista, nome que vai buscar, por uma lado, ao facto de resultar de uma trabalho de parceria em que se implicou uma vintena de instituições e, por outro, ao também facto de se visar, com a sua acção, a interacção de várias dimensões estruturantes do desenvolvimento como são, por exemplo, a saúde, a educação ou ambiente.

A noção de que o direito ao futuro é de todos e não só de alguns, que o milénio em que entramos tem de ser para todos e portanto também para os habitantes da Bela Vista, ditou que o projecto elegeesse este ano, como um dos seus propósitos estratégicos, levar as crianças do bairro a implicar-se na sensibilização aos 8 Objectivos de Desenvolvimento do Milénio – sensibilização que passará pela promoção de um leque diversificado de actividades.

Maria Joaquina Costa

AGUEDA. UM PROJECTO DE EMANCIPAÇÃO CIDADÃ DE FAMÍLIAS

Organizado e dinamizado pelo Centro Social Infantil de Aguada de Baixo, o projecto “Família: um presente com futuro”, desenvolve-se em três localidades periféricas de Águeda tendo por grande finalidade contribuir para a emancipação e requalificação cidadã de famílias atingidas pela desestruturação.

Entre as várias estratégias que assume refira-se muito em particular as apostas que faz:

- Na estruturação e/ou fortalecimento de relações de vizinhança e de redes de colaboração e de apoio mutuo, envolvendo, designadamente, as mulheres;
- Na criação de momentos de formação com as famílias, orientados para o reforço de competências pessoais, sociais e parentais;
- No esforço de sensibilização e potencialização dos serviços de proximidade existentes nas três localidades, procurando estimular práticas de partilha e de cooperação, designadamente na busca de soluções e na produção de estratégias;
- Na reflexão com os técnicos dos vários serviços, tendo em vista a construção de um olhar alternativo, enformado por um estar cidadão e solidário com estas famílias.

Ao ICE, é pedido o apoio metodológico traduzido, por um lado, no acompanhamento da equipa que anima o projecto e, por outro, na orientação de tempos de auto-formação que se oferecem aos técnicos do território.

Rui d’Espiney

NÓMADA RECOMEÇA EM ALMADA

A convite e desafiado pela Divisão de Serviço Social da Câmara de Almada, o Nómada II arrancou com reuniões regulares, em horário pós laboral, com técnicos de várias entidades do concelho (misericórdia de Almada, ASD do Laranjeiro, Centro Regional de Segurança Social, CCL Feijó) a fim de reflectir sobre a intervenção junto das comunidades ciganas do concelho (Monte da Caparica, Trafaria, Laranjeiro e Feijó). Está previsto uma jornada de trabalho, para se delinear um Plano de Intervenção conjunto, para a qual se conta, também, com a participação de outros projectos de intervenção com comunidades ciganas ao nível do concelho de Seixal e de Lisboa.

Mirna Montenegro

PROJECTO INTEGRADO DA BAIXA DA BANHEIRA

A Baixa da Banheira é uma freguesia periférica da Moita onde, a par de habitantes cujas raízes operárias se perdem no tempo, encontramos verdadeiros nichos de grande pobreza e desestruturação: a desqualificação, a ausência de projectos de vida, caminham de braço dado com o abandono escolar e a toxicodependência.

Procurando apoiar-se nos traços de identidade que, apesar de tudo, subsistem, nomeadamente entre os mais idosos, na energia que se abriga nos jovens, ou na capacidade de indução de mudanças que as crianças constituem e recorrendo-se, para tanto, a pequenos projectos mobilizadores de uns e outros, foi-se chegando à conceptualização de um projecto abrangente – Projecto Integrado da Baixa da Banheira – orientado para a promoção e requalificação das suas gentes, projecto fundado em quatro grandes eixos estratégicos. A saber:

- A progressiva estruturação de uma rede de parcerias, implicando os vários actores colectivos presentes no bairro;
- A exploração de um leque diversificado de problemáticas que atravessam a sociedade local (saúde, educação, ambiente, habitação, etc.), isto é, a perspetivação de uma abordagem multifacetada e sistémica;
- A sistemática recuperação de expectativas e desejos que se desocultam nas várias camadas da população com que se interage;
- A potencialização e aproveitamento de iniciativas que nele emergiram e emergem ou a que nele se deram ou dêem vida.

Bom exemplo deste último eixo estratégico é, sem dúvida, uma iniciativa como a que decorreu a 30 de Outubro, no Parque José Afonso – no caso vertente sobre o impulso do projecto Entre Nós de que o ICE também é parceiro – e que consistiu num momento de animação abrangendo crianças jovens adultos e idosos e implicando colectividades locais.

Maria Joaquina Costa

VERTENTE AMBIENTAL

CRIAÇÃO E PROMOÇÃO DE “ROTEIROS DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL”

No âmbito da iniciativa comunitária EQUAL, o Instituto das Comunidades Educativas participou numa parceria com a Escola Superior de Educação de Portalegre, a Associação GEDA de Campo Maior, a Associação Juvenil INIJOVEM de Nisa, os Municípios de Nisa e Campo Maior, as escolas e jardins de infância destes concelhos, com a intenção de organizar uma proposta metodológica para um roteiro de interpretação ambiental, numa perspectiva de qualificação dos participantes (crianças, jovens e idosos), de estruturação de propostas

educativas e de animação comunitária. Nesta proposta pressupõe-se que existe um espaço e um tempo formativo em processos de valorização do papel social dos vários intervenientes bem como a possibilidade de inovação pedagógica.

Na actividade pudemos encontrar três eixos fundamentais:

Redescobrir as raízes culturais e preservar a identidade das comunidades locais, tão ricas no seu património natural e cultural;

- A diversificação das fontes de conhecimento na escola;

- A criação de um roteiro ambiental como resposta a uma necessidade de encontro a um modelo de aprendizagem social e desenvolvimento local.

- No primeiro eixo esteve presente a ideia de abordar questões relacionadas com o abandono e desertificação do interior do país, colocando em perigo a continuidade de uma cultura tradicional de relação equilibrada com a terra.

Em relação ao segundo eixo do trabalho desenvolvido, refere-se a importância dada à escola num trabalho educativo comunitário de valorização do património natural e cultural

O terceiro eixo pretende contribuir, como se pode ler no relatório final do Projecto, para “uma intensificação das relações sociais e diversificação da metodologia de ensino praticado nas escolas” (2007, p.107). Trata-se de uma oportunidade de implicar pessoas (crianças, jovens e idosos) em processos de desenvolvimento local e de construção de propostas educativas a partir do património ambiental.

Em consonância com estes pressupostos, a equipa que coordenou esta actividade propôs: um trabalho de criação de guias de apoio para a preparação e realização de encontros/visitas/ percursos ambientais, a organização de momentos de partilha de conhecimento entre actores e instituições locais, a recolha e registo de informação para tratamento nas salas de aula.

Estas acções ajudaram a construir uma base metodológica que pretendeu: respeitar a sabedoria das crianças e idosos, incluir o saber local no currículo das escolas, que o docente possa assumir um papel de mediador cultural, que os pais participem em processos de aprendizagem e reduzir o desfasamento entre a escola e o meio.

A mobilização dos vários parceiros envolvidos, de técnicos na área do ambiente permitiu, entre outras acções, a organização de grupos de trabalho interdisciplinares e intergeracionais, que se envolveram em pesquisas a diferentes níveis (locais, bibliográficas, informáticas), em sessões com as populações, em saídas de campo com famílias (pais e avós) dinamizadas por professores, educadores e técnicos, na planificação de percursos do roteiro e na sessão de apresentação do produto final, em várias valências e suportes:

- O desenvolvimento local, onde as potencialidades ambientais surgem como oportunidade de participação das comunidades locais na fruição do património.
- A possibilidade de desenvolvimento que se pode traduzir na aposta em processos metodológicos de promoção da intergeracionalidade, de redefinição do papel da escola em pequenas comunidades ou na valorização de potencialidades locais, como sejam, as ambientais e a cultura popular associada.
- O encarar da escola como parte de um colectivo de resolução de problemas comuns que se implica e contribui para fazer emergir potenciais soluções.
- O contrariar práticas de desenvolvimento que têm prevalecido e que marginalizam faixas sociais como sejam as crianças e os idosos, desvalorizando as relações sociais/intergeracionais.

Por fim, existe um contributo fundamental dos mais velhos para a reapropriação de uma identidade local num contexto mais vasto e global. Sabendo-se que estamos perante os depositários de uma herança cultural é neles que poderemos encontrar o sentido de reconhecimento e pertença a uma comunidade.

Amândio Valente

O AMBIENTE COMO POLO DE DESENVOLVIMENTO

Volvidos sete anos sobre o início do Projecto da "Quinta de Educação e Ambiente" e perante os resultados obtidos, continuamos convictos que o trabalho de projecto é o único possível para se promover uma verdadeira educação ambiental.

Trabalhando de uma forma abrangente, num processo pedagógico participativo e permanente, procuramos inculcar uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, não só nos alunos com quem trabalhamos, mas nas populações das várias localidades de abrangência do Projecto, criando condições para que cada pessoa possa desempenhar o seu papel de cidadão, numa convivência democrática e harmoniosa entre si e com o ambiente.

Neste processo, a Educação Ambiental é encarada não somente como uma passagem de informações – como ocorre geralmente com a Educação Tradicional – mas na produção e aplicação dessas informações como forma de mudança de comportamentos e atitudes em relação aos problemas ambientais.

Cinco grandes linhas orientadoras foram definidas aquando da concepção do projecto e que continuam a reger a nossa acção:

- A consciencialização e implicação dos destinatários (crianças e adultos) em iniciativas capazes de intervir na construção/ promoção de um ambiente mais equilibrado, numa atitude "cidadã" e crítica.

- A construção de uma escola alternativa, motivadora e aberta, onde as crianças sejam produtoras das suas aprendizagens, se promova a identidade de cada criança e se fomente a aquisição de valores sociais fundamentais para a prática cidadã como a cooperação, partilha, sentido de responsabilidade e justiça.
- Associar à intervenção uma dimensão reflexiva / formativa voltada para a interpelação da acção, para a construção de um pensamento estratégico e, a qualificação dos profissionais implicados.
- "Trabalhar as memórias" dos mais velhos, levando-os a reviver afectivamente o seu passado como forma de potenciar saberes e vivências aumentando a auto-estima e a capacidade de intervenção, criando uma nova relação com o presente.
- A produção de alternativas económicas para a população tendo por base as potencialidades do território (riqueza patrimonial da Reserva natural e dos saberes e práticas culturais dos seus habitantes).

A decorrer na Lagoa de Santo André, o Projecto da Quinta da Educação e Ambiente, conta em primeiro lugar com o envolvimento regular das crianças das escolas inseridas na Reserva e que, para além de em cada semana aprofundarem o conhecimento que dela têm pelas pesquisas que nela fazem, se assumem como mediadoras de conhecimento junto de quem a visita.

Conta em segundo lugar com os habitantes locais cuja apropriação da reserva se exprime nomeadamente pela realização de um momento de feira e animação comunitária realizada uma vez por mês – os conhecidos Sábados no Monte.

De há um ano para cá vem servindo de esteio ao Programa Escolas na Natureza.

O Projecto é gerido por uma Comissão de Orientação e Acompanhamento integrada por representantes da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, das Escolas da Reserva, do ICE, do ICN e da Junta de Freguesia de Santo André.

Isabel Pereira

OUTRAS DINÂMICAS

DO LONGE FAZER PERTO – ENTRE A FORMAÇÃO E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS

Nascido há 15 anos, Do Longe Fazer Perto (DLFP) constituiu-se como um projecto de intercomunicação: ao longo da sua existência realizou intercâmbios regionais e inter-regionais de professores e crianças, trocou correspondência, publicou boletins colectivos, promoveu encontros de âmbito nacional.

Os professores que neles foram participando, viram aqui um espaço de encontro que os ajudava a quebrar o isolamento, conhecer experiências e até mesmo a fazer catarse dos seus problemas e dificuldades.

Os laços interpessoais que assim se forem tecendo nos vários pontos do país onde o DLFP se achava organizado em núcleos, levou um projecto – o BOLINA – organizado há três anos no âmbito do Programa EQUAL, a apostar no seu acompanhamento tendo em vista a transformação desses núcleos em comunidades colaborativas, para o que procurou animar tempos de reflexão e proporcionar competências, nomeadamente, no domínio das TIC.

Com este impulso, curiosamente, o DLFP diversificou-se marcado que foi por desenvolvimentos distintos nos vários territórios onde funcionava.

Mais recente – na verdade formado já depois de surgido o BOLINA – o núcleo da Península de Setúbal teve como tónica da sua dinâmica e do seu quotidiano a formação que lhe era fornecida. As sucessivas novas adesões que experimentou, encontraram (encontram ainda hoje) nesta formação o *leitmotiv* para a sua participação – pese embora, diga-se, a emergência, no seu seio, de um grupo de professores que começa a pôr a tónica no trabalho de projecto e em práticas colaborativas.

Outra é a história dos núcleos com largo percurso, os quais tendem a organizar-se em grupos de aprendentes, numa perspectiva auto formativa e em torno de eixos (domínios) de reflexão. Está neste caso o núcleo das Caldas da Rainha e, em certa medida também, os de Oliveira do Hospital e de Coimbra onde o entusiasmo pelo processo colaborativo vivido explica o regresso à participação de muitos professores que deles se haviam afastado.

Hoje pode de facto dizer-se que deram estes núcleos origem a embriões de Comunidades de Prática que, não prescindindo de uma formação acreditada, apostam fundamentalmente no património de saberes que cada um dos seus membros representa.

Parte destes núcleos está empenhada em contribuir para a disseminação do produto – uma wikipedia – que resultou da reflexão promovida pelo Projecto BOLINA no decurso dos seus dois anos de funcionamento.

A perspectiva de organização de um encontro nacional aberto à participação de todos os núcleos do DLFP, a realizar no termo deste ano lectivo, promete, sem dúvida, a explicitação de uma grande riqueza de experiências e vivências.

Rui d’Espiney

O PRAZER DE LER: UM PROJECTO DE COMBATE À ILITERACIA

O combate à iliteracia e, de uma forma geral, o investimento na criação de condições para uma relação de prazer de crianças, jovens e adultos com a leitura e a escrita têm estado presentes em muitos dos projectos e dinâmicas que o ICE acompanha. Com efeito e para dar só alguns exemplos:

- São vários os módulos de formação que organizou, alguns ainda em funcionamento, tendo precisamente por conteúdo a promoção da leitura;

- A distribuição gratuita e leitura porta-a-porta de um periódico é uma das actividades significativas da Escola Comunitária de Carvalhal Vermilhas que o ICE apoia;

- Foi prática do projecto Escolas Rurais, em diferentes pontos do país, a organização de encontros de poetas populares e de colectâneas de poesia, algumas delas editadas;

- Muitos foram os textos de crianças, publicados e divulgados pelo o ICE;

- A exploração de histórias por recurso à ilustração e à teatralização fez-se em grande número de turmas de crianças implicadas nos projectos.

Até ao presente, todas estas actividades vêm sendo, no entanto, realizadas de forma dispersa, como uma dimensão, entre muitas, da dinâmica de diversos projectos. Não de forma articulada e coordenada.

Consciente do capital de experiências que acumulou, nomeadamente no que se refere às aprendizagens que vem proporcionando no domínio da língua e também do contributo para o exercício da cidadania que constitui a promoção da leitura e escrita, deu o ICE corpo a um novo projecto de âmbito nacional. Concretamente, o projecto "O Prazer de Ler" pelo qual, através de um leque diversificado de actividades, se procurará contribuir para a literacia de crianças, jovens e adultos, nomeadamente idosos.

Será um projecto sui generis que se organizará e funcionará potenciando e fazendo interagir iniciativas que no domínio da promoção da leitura e escrita são conduzidas pelos projectos que o ICE acompanha.

Para além de se prosseguir com as actividades que vêm sendo desenvolvidas e que atrás de enumeram, destaque-se entretanto, enquanto iniciativas que agora se pretende despoletar:

- A Estafeta da Escrita que consistirá na construção de uma história por várias turmas cada uma a continuar o texto que a outra elaborou;

- O Bebé Leitor que, tomando por base a noção de que o bebé com seis meses pode criar uma boa relação afectiva com os livros se lhe for facultada a possibilidade de mexer nele, aposta no seu manuseamento pelos bebés, nomeadamente no espaço das consultas de desenvolvimento que se verificam em alguns Centros de Saúde;

- As Conversas Com... um escritor, realizadas com crianças e comunidades locais, escritor preferencialmente seleccionado em função do interesse manifesto por essas crianças e comunidades.

Espera-se que o Prazer de Ler conte com o apoio do Plano Nacional de Leitura.

ANTES QUE SEJA TARDE – UM PROCESSO DE INTERVENÇÃO PRECOCE DE AMBITO CONCELHIO

A Equipa de Intervenção Precoce da Infância, Antes Que Seja Tarde, da responsabilidade do ICE – Instituto das Comunidades Educativas, existe desde 2001, resultado de um Projecto financiado pelo Programa “Ser Criança” e em Fevereiro de 2006 foi possível a celebração de um Acordo (Despacho Conjunto 891/99) com a Segurança Social, em parceria com os Ministérios da Saúde e da Educação e enquadrada, localmente, pelo Conselho de Parceiros.

Apoia crianças em risco de atraso grave de desenvolvimento e as suas famílias, em que as condições individuais de doença, deficiência e ou ambientais comprometem o seu desenvolvimento, no Concelho de Santiago do Cacém.

A Equipa AQST – IPI, preconiza uma intervenção de abordagem sistémica e ecológica, centrada na família, integrada nas actividades da vida diária, considerando o desenvolvimento como um processo dinâmico, em que a criança (factores genéticos) e o seu ambiente participam e se influenciam mutuamente.

Entende o apoio como ajuda e suporte (fortalecimento e capacitação) de carácter emocional, psicológico, associativo, informativo, instrumental e material e acredita na capacidade de cada indivíduo reflectir por si próprio e decidir o que lhe convém.

Estes são os princípios que orientam a intervenção desenvolvida pela Equipa de Intervenção Precoce de Santiago do Cacém.

A acção tem vindo a desenvolver-se em torno de três eixos: diagnóstico, apoio às famílias e às crianças, contextos e dispositivos de trabalho continuado numa perspectiva transdisciplinar de desenvolvimento pessoal e social.

Relativamente ao primeiro eixo, o conhecimento da situação no Concelho e das crianças individualmente resulta da intervenção directa, da articulação com outras entidades e pessoas e apoiaram-se, até hoje 221 crianças e 199 famílias.

O apoio à criança e à família acontece nos ambientes naturais de vida (domicílio, ama, jardim de infância, centros de acolhimento, etc.) para promoção do desenvolvimento da criança, em actividades de educação, de reeducação, de articulação dos diferentes intervenientes.

No terceiro eixo aconteceram as acções planeadas, constituiu-se uma bolsa de recursos materiais e ajudas técnicas (Braille, Comunicação Aumentativa). Promoveram-se momentos de informação, formação de carácter geral e específico, encontros de pais e momentos regulares de trabalho articulado, de onde se destacam as Equipas de Freguesia pela forma descentralizada e contextualizada em que o apoio acontece, permitindo a articulação, conhecimento real da situação e dos recursos necessários e disponíveis.

Para além dos números e das dificuldades, ao longo deste processo, o sentimento é de que foi feito um caminho irreversível: existiram benefícios para as crianças e as famílias, para os profissionais envolvidos nos processos, na equipa, e, espera-se ainda que os pais consigam uma forma mais activa no processo.

Teresa Galvão

NOTAS SOLTAS

EM MEMÓRIA DE JOAQUIM BAIRRÃO RUIVO

Morreu Joaquim Bairrão Ruivo, sócio fundador e presidente da Assembleia-geral do ICE durante longos anos.

Referência incontornável no domínio da Intervenção Precoce, Bairrão Ruivo tem o seu nome ligado à criação do COOMP de que foi director e à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto de que era professor catedrático jubilado.

Investigador reconhecido a nível internacional, recordamo-lo pela riqueza de seu pensamento e pela dimensão humana e fraterna do seu ser e estar.

À sua companheira e ao seu filho transmitimos o voto de pesar aprovado pela Assembleia-geral do ICE de 5 de Dezembro de 2007.

PARA ONDE VAI A ESCOLA?

Por iniciativa do ICE constituiu-se um grupo de trabalho integrado por pessoas pertencentes a diferentes instituições – ICE, FPCE de Lisboa, FPCE do Porto, ESE de Portalegre, entre outras – com o propósito de proceder a um balanço crítico do “estado da arte” no sistema de ensino.

É seu propósito, num primeiro momento proceder a uma recolha tão exaustiva quanto possível, de episódios significativos por recurso, nomeadamente, a depoimentos reveladores.

Um relatório final, que se perspectiva publicar, coroará esta investigação.

UM PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO NUM MUNICÍPIO RURAL DE CABO VERDE

O desenvolvimento e a preocupação com a fixação das pessoas às aldeias onde vivem, está na base de um projecto de promoção comunitária que o ICE foi desafiado a organizar no Município da Ribeira Grande na ilha cabo-verdiana de Santiago – o Projecto Djunta Mon que em crioulo significa Dar as Mãos.

Inspirada na abordagem do projecto das Escolas Rurais, a intervenção em perspectiva assumirá a forma de uma rede de projectos de aldeia com actividades que vão da animação das escolas à alfabetização, passando pela criação de espaços comunitários e de serviços de proximidade.

Investe-se presentemente na construção da rede de parcerias que o deverão viabilizar e na organização de uma candidatura a financiamentos.

Induziu esta proposta, assumindo o papel de mediação na estruturação local do projecto, a empresa Sacramento Campos através de Carlos Sousa.

FRUTOS DE UM PROJECTO TRANSNACIONAL

Promovido com o apoio do Programa Grundtvig Sócrates e, em particular da Fundação Bernard Van Leer, o Projecto AMIE proporcionou, ao longo dos seus quatro anos de vida uma reflexão aprofundada em torno do desenvolvimento e da relação crianças-pais em meio rural. Iniciativas e experiências animadas ou, de alguma forma, acompanhadas pela ACEPP de França, o Pré-Escolar na Casa da Galiza e o ICE, tiveram a oportunidade de explicitar os seus principais adquiridos e contributos.

Coroando esta reflexão organizou o projecto dois produtos colectivos que em breve serão distribuídos entre os colaboradores e parceiros das três organizações:

- “Espaços de Desenvolvimento Local” onde se reúnem 27 experiências educativas e de desenvolvimento em curso em França, Galiza e Portugal;

- “Livro de Ouro do Programa Europeu: crianças-pais, actores dos mundos rurais”, que consiste num registo analítico do percurso feito pelo projecto recorrendo-se nomeadamente a depoimentos de quem o vivenciou.

Prevê-se ainda a elaboração e edição de um texto final onde se explorarão vários conceitos trabalhados e se procurará fundamentar o sentido da abordagem em meio rural defendida e promovida pela ACEPP, o Pré-Escolar na Casa e o ICE.

ICE RENOVA PROTOCOLO COM ICN

Renovou-se por mais seis meses o protocolo subscrito entre o ICE e o Instituto de Conservação da Natureza tendo em vista o desenvolvimento do Projecto da Quinta da Educação e Ambiente em funcionamento na Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha [ver texto da pág.5].

O protocolo contempla nomeadamente os termos de gestão pelo ICE do Centro de Acolhimento do Monte do Paio e o apoio financeiro ao recrutamento de um técnico para dinamizar o Projecto e estear a implementação do Programa “Escolas da Natureza”.

Novas negociações prosseguirão em ordem a assegurar a continuidade do projecto.

UM SEMINÁRIO DE SUCESSO

Nisa recebeu, com o calor humano e a solidariedade que caracteriza as suas gentes, o Seminário Internacional “Desafios da Interioridade e das Periferias”, organizado pelo ICE, a ESE de Portalegre e a Câmara Municipal de Nisa. Realizado ao longo de três dias – entre 12 e 14 de Julho – contemplou um painel temático e mesas redondas de experiências nacionais e estrangeiras, fechando-se com um momento de debate aberto, dedicado a alternativas de desenvolvimento.

Estiveram presentes cerca de 200 participantes, entre professores dos vários graus de ensino, técnicos de saúde, técnicos de autarquias e de associações, autarcas e animadores culturais e comunitários.

Apoiaram o evento a Câmara Municipal de Nisa, a Fundação Friedrich Ebert, a ESE de Portalegre, a empresa DELTA e João Cordovil.

UMA NOVA ETAPA PARA O PROJECTO “IGUAIS NUM RURAL DIFERENTE”

Com o apoio do Programa Equal deu-se início, em Fevereiro de 2008 à disseminação do produto que resultou do desenvolvimento do Projecto “Iguais num Rural Diferente”, produto que reflecte sobre as estratégias de empoderamento que se inferem da experiência vivida de promoção, no concelho de Vouzela, da Escola Comunitária de Carvalhal Vermilhas e de um Centro de Animação e Desenvolvimento da Infância construído em Campia, também em Vouzela.

Entre as zonas para onde se perspectiva recriar as dinâmicas incluem-se Deão em Viana do Castelo, um bairro da freguesia de Carnide em Lisboa e Viseu.

Quatro novas instituições – a Proact, o CEC, a Animar e a Associação Jovens do Deão – juntaram-se à parceria inicial integrada pela ADRL, a ACERT e o ICE.

NORDESTE ALENTEJANO - UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL QUE SE MULTIPLICA

Desenvolvido ao longo de dois anos em vários concelhos do Nordeste Alentejano, o projecto “Potencializar Recursos, Valorizar e Requalificar Pessoas e Organizações”, liderado pela ESE de Portalegre e de que o ICE é parceiro, deu origem a dois produtos que consubstanciam a experiência, por um lado, dos processos de desenvolvimento de base territorial levados a cabo na Região e, por outro, do trabalho de parceria a que se deu origem. As dinâmicas deixadas no terreno e o nível de cooperação atingido pelos técnicos das instituições implicadas na parceria, surgem como testemunhos vivos do êxito do projecto.

Disseminar os produtos é o objectivo do financiamento agora concedido pelo Programa EQUAL, o que deverá traduzir-se num impulso a processos de desenvolvimento e de cooperação, na e pela acção, em outras regiões do país – na Península de Setúbal a partir do município da Moita, em Vinhais por intermediação da ESE de Bragança, em Vouzela esteado na ADRL Associação para o Desenvolvimento da Região de Lafões e em Sintra pela participação do Centro Internacional de Escultura.

Dos próprios princípios da abordagem do projecto resulta que os processos a que se dê vida nos novos territórios se apoiarão, necessariamente, em dinâmicas neles já em curso.

PROJECTO BOLINA ENTRA NA FASE DE DISSEMINAÇÃO

O projecto Bolina viu aprovado, embora com cortes substantivos, o financiamento que permite a disseminação do produto – ColaboraCom – que elaborou no termo dos seus dois anos de funcionamento.

Em conformidade com as prescrições fixadas pela entidade financiadora – Programa Equal – serão público-alvo dessa disseminação as escolas e as empresas.

O ICE, parceiro do projecto desde a primeira hora, chama a si disseminação entre as escolas, potenciando para o efeito a ampla rede estabelecimentos de ensino com que trabalha.

UM EXEMPLO DE RESISTÊNCIA

De porta aberta ao longo do ano – com duas técnicas internas que a junta de freguesia vai conseguindo afectar – o Centro de Recursos da Marinha Grande é bem um exemplo da determinação do grupo de professores que lhe dá vida.

Apesar do alargamento do horário lectivo, apesar do rodopio de reuniões que leva os docentes a verem-se presos à escola até ao cair da noite, apesar da escolarização que pauta a prática formativa oficial, uma vintena de professores continua colaborando entre si, trocando experiências, fazendo circular e enriquecendo os recursos do Centro e reunindo mensalmente... Mostrando assim uma outra forma, essa sim cidadã, de assegurar o seu próprio aperfeiçoamento profissional.

RENOVADA A ACREDITAÇÃO DO CENTRO DE FORMAÇÃO COMUNIDADES EDUCATIVAS

Foi renovada pelo Conselho Científico da Formação Contínua, por mais três anos, a acreditação do Centro de Formação “Comunidades Educativas” cujo director, na sequência de deliberação da sua Comissão Pedagógica e em conformidade com a orientação que impõe que este cargo seja preenchido por um professor titular, passou a ser Rogério Palma, professor no Agrupamento Fragata do Tejo.

O mesmo Rogério Palma é, desde a Assembleia-geral de Dezembro de 2007 do CPDF, associação proprietária do Centro de Formação, presidente da sua direcção, na sequência do acto eleitoral então realizado.

UM NOVO IMPULSO PARA O CENTRO DE CIDADANIA ACTIVA

Um acordo celebrado entre a Segurança-Social e a SEIES abre caminho a um funcionamento pleno do Centro de Cidadania Activa (Cd'CA) criado em Setúbal e de que o ICE é co-gestor.

As linhas de força que se perspectivam são objecto de um Plano de Acção que acaba de ser elaborado.

O envolvimento, enquanto parceiros, das Câmara Municipal de Palmela e de Setúbal consagram o propósito que o Centro tem de animar e fornecer apoio logístico a dinâmicas e instituições dos dois concelhos.